

O ANTIFASCISMO BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1930 ATRAVÉS DA IMPRENSA: OS CASOS DE O HOMEM LIVRE (1933-1934) E A MANHÃ (1933-1934)

GIOVANI BERTOLAZI BRAZIL¹
ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – giovanibrazil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anasosagonzalez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho visa abordar a questão do uso de fontes de imprensa na história, usando como exemplo o tratamento teórico-metodológico realizado em torno de duas publicações, ativas no Brasil durante a década de 1930, O Homem Livre (1933-1934) e A Manhã (1935). Essa preocupação advém de um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, que visa compreender os significados conferidos aos conceitos de fascismo e antifascismo, por parte da Frente Única Antifascista (FUA) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), duas organizações com preocupações semelhantes, mas que assumiram forma, caráter e correlação de forças diferentes.

A imprensa é uma fonte privilegiada para o estudo de movimentos políticos, não sendo diferente para o caso das duas organizações abordadas. Por mais que se relativize o papel que o jornal impresso tem na mobilização de massas, a imprensa deve ser vista como espaço de sociabilidade e circulação de ideias e de busca por uma intervenção na realidade em que está inserida (CRUZ e PEIXOTO, 2007). Ademais, a imprensa se constitui como fonte fundamental para a história dos conceitos políticos, pois permite reconstruir como estes se formam e são utilizados publicamente (MARTINS, 2018). A abordagem proposta objetiva compreender que estratégias discursivas foram utilizadas pelos antifascistas brasileiros na sua conceituação acerca do fenômeno do fascismo e de qual papel o antifascismo deveria assumir naquela conjuntura.

2. METODOLOGIA

O uso de fontes jornalísticas exige um tratamento metodológico que seja capaz de compreender a imprensa dentro da sua complexidade e não apenas como depositária de informações. Sendo assim, os dois jornais utilizados serão analisados a partir do modelo proposto por CRUZ; PEIXOTO (2007), o que permite que se observe a imprensa dentro da sua historicidade, como produtora de sentidos, como espaço de sociabilidade e intercâmbio de ideias e em constante diálogo com seu público leitor.

Ao se identificar o objetivo de compreender como a imprensa antifascista construiu os significados de fascismo e antifascismo, se torna necessário problematizar sobre como os jornais podem ser utilizados como fontes para o estudo dos conceitos políticos. Segundo MARTINS (2018), a história dos conceitos e a história das ideias tradicionalmente privilegiaram obras literárias e os historiadores, de maneira geral, ressaltaram a ausência de rigor teórico e argumentativo no trabalho jornalístico. Essa preocupação, relevante na academia, não é necessariamente importante na imprensa. Apesar disso, os periódicos devem ser

vistos não como secundários às “grandes obras” sobre os temas, mas sim como imprescindíveis na tarefa de reconstruir como os conceitos políticos se formam e são utilizados para intervir na vida pública.

Outro ponto importante a se considerar é a historicidade das ideias políticas. Segundo SKINNER (2017), é preciso compreender a história das ideias a partir do contexto social e intelectual em que os autores estudados as desenvolveram, a fim de não correr o risco de cometer anacronismos e atribuir a esses intelectuais problemas que eles não formularam, diálogos e enfrentamentos que eles não travaram e intenções das quais eles não corresponderam. Ainda nesse sentido, é importante o apontamento de CARVALHO (2000) a respeito do uso da retórica, cujo papel complexo é fundamental para compreender a intelectualidade brasileira. O autor se refere, principalmente, ao século XIX e ao início do XX, mas grande parte do que é colocado é válido para os anos 1930, visto que não é difícil de se observar como o uso da retórica era importante para a intelectualidade antifascista brasileira, que dela se valia não só como meio de convencimento do público leitor, mas também como elemento constituinte da sua forma de pensar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do modelo de análise de periódicos proposto por CRUZ; PEIXOTO (2007), foi possível delinear uma caracterização geral a respeito dos jornais O Homem Livre e A Manhã, apontando os aspectos em que se distanciaram e em que se aproximaram.

No caso de O Homem Livre, órgão da FUA e publicado entre maio de 1933 e fevereiro de 1934, na cidade de São Paulo, sua razão de ser foi a de congregar toda a intelectualidade antifascista num espaço para quaisquer correntes do movimento operário que objetivassem combater o fascismo e suas expressões no Brasil. A publicação foi fundada também com o objetivo de alavancar a formação de uma frente única antifascista entre as organizações do proletariado, que viria a se concretizar na FUA. Apesar de sua duração curta e periodicidade irregular, uma análise de O Homem Livre permite aprofundar a compreensão das motivações e dos métodos que se buscavam implementar na tarefa de construir unidade antifascista num movimento operário já fragmentado e muito fragilizado, bem como da conceituação do fascismo (e de como enfrentá-lo) nesta que foi a primeira frente antifascista no Brasil.

A outra publicação utilizada é o jornal A Manhã, que atuou como órgão da ANL entre os meses de abril e novembro de 1935. A curta duração do jornal corresponde à também breve trajetória da organização, tendo sido fechado pela repressão que sucedeu à derrota do levante aliancista. Editado por Pedro Mota Lima, A Manhã circulou pela cidade do Rio de Janeiro com o propósito de propagar as ideias de alcance amplo que caracterizaram a ANL, mas que convergiam na importância dada às lutas anti-imperialista, antilatifundiária e antifascista.

Foi possível tecer algumas conclusões a respeito dos dois jornais, especialmente no sentido de que ambos tiveram um papel importante como espaço de circulação de ideias, mas que não tinham como público-alvo principal apenas a intelectualidade, buscando atingir e educar públicos mais amplos. O caso de A Manhã é particularmente significativo nesse sentido, por sua periodicidade diária e preço popular. Ademais, o conteúdo dos textos deixa evidente uma certa diferença: enquanto O Homem Livre tinha uma orientação mais erudita, voltada para o público intelectual e de “vanguarda” dos movimentos sociais e políticos da época, A Manhã

possuía como alvo um público mais popular, fazendo uso de uma linguagem mais simples e apelativa e que depositava muito peso em figuras populares como a de Luiz Carlos Prestes, além de relegar os textos teóricos a um local específico, e minoritário, do jornal.

O procedimento de caracterizar os dois jornais foi sucedido pela leitura das suas 190 edições disponíveis, buscando identificar palavras-chave e conceitos que foram manipulados pelos autores para caracterizar o fascismo. Alguns exemplos dessas caracterizações apresentam o adversário como um bárbaro selvagem e sua doutrina como uma mistificação, destinada a enganar as massas a respeito dos seus verdadeiros interesses e a desviar a humanidade da sua caminhada na direção do progresso.

4. CONCLUSÕES

Embora seja resultado de um esforço ainda em andamento, este trabalho permite um olhar qualificado e aprofundado para as fontes de imprensa, especialmente para responder à pergunta principal que norteia a pesquisa: como que essas duas organizações antifascistas, em conjunturas diferentes e contendo correlações de forças internas diferentes, construíram uma caracterização do fascismo e, conseqüentemente, do antifascismo? O referencial teórico utilizado sugere que é possível, e desejável, reconstruir a história do conceito de antifascismo brasileiro nos anos 1930 a partir da sua imprensa. O fato da luta antifascista ter sido travada, principalmente, nas ruas, apenas reforça a importância dessa fonte, em detrimento das fontes eruditas tradicionais, que por muito tempo foram privilegiadas pelo campo da história das ideias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, J. M. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**: Revista de História, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, p. 123-152, 2000.

CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. A oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v. 35, p. 253-270, 2007.

MARTINS, L. C. P. História dos conceitos e conceitos na história: a imprensa como fonte / objeto da história conceitual do político. In: DOMINGOS, C.; BATIESTTELA, A.; ANGELI, D. (org.). **Capítulos de história política**: fontes, objetos e abordagens. São Leopoldo: Oikos, 2018. Cap. 3, p. 53-74.

SKINNER, Q. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399, 2017.